

GRUPOS DE TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

ANA CRISTINA GARCIA DIAS*
FERNANDA PIRES JAEGER**

Os Grupos de Terceira Idade estão prestando um atendimento multidisciplinar aos idosos, possibilitando, por meio da realização de atividades diferenciadas, tanto a inserção cidadã na sociedade, família e comunidade, como o resgate da auto-estima e dignidade dos indivíduos que atingem essa faixa etária. O presente trabalho teve como objetivo conhecer o perfil de 60 integrantes de três destes Grupos da Grande Porto Alegre, de ambos os sexos, a partir da aplicação de um questionário, de forma oral e individual, com o intuito de identificar as características sociodemográficas dos participantes, suas motivações e atividades desenvolvidas junto a seu Grupo e a outras possíveis associações. Os Grupos de Terceira Idade pesquisados, em sua maioria, são constituídos por mulheres (90%), aposentada(o)s (73,3%), viúva(o)s (60%), com escolaridade fundamental (61,7%) e uma faixa salarial entre 1 a 2 salários mínimos (46,7%), sendo que 35% afirmaram depender da renda familiar para sobreviver. Os principais motivos citados para a busca dos Grupos foram a possibilidade de fazer novos amigos, evitar a solidão e conquistar uma melhora na qualidade de vida proporcionada pelas atividades físicas e/ou sociais.

* Psicóloga, Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA) e URI-Erechim.

** Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA).

INTRODUÇÃO

Atualmente observamos uma grande preocupação social com pessoas que alcançam a terceira idade. Graças ao desenvolvimento científico aplicado, que possibilita o prolongamento da vida dos indivíduos, cada vez mais pessoas chegam a esse período da vida.

No século XIX, segundo Netto (1999), o número de pessoas que chegavam à velhice era muito pequeno; assim, não se tinha consciência dessa realidade como uma "questão social". As atitudes frente aos velhos possuíam um caráter afetivo, sentimental, expressas, quase somente, por intermédio de práticas assistenciais que contribuíram para construção de uma imagem caricatural da velhice. As preocupações com o velho, segundo o autor, surgiram como fruto das mudanças socioeconômicas ocorridas na Europa, geradas pela Revolução Industrial. Naquele momento, o velho deixou de ser um assunto restrito ao âmbito familiar passando a ser considerada uma preocupação social e do Estado.

De fato, o surgimento da preocupação com o idoso foi fruto do desenvolvimento de doutrinas socialistas surgidas no final do século passado, que clamavam por uma maior justiça social. A partir da divulgação dessas doutrinas, houve uma maior preocupação em oferecer subsídios à população que não poderia trabalhar e, também nesse período, surgem as preocupações previdenciárias. Na verdade, observa-se que a aposentadoria, os asilos e as casas de assistência, assim como mais recentemente os grupos de convivência de terceira idade, surgiram como alternativas para dar conta das necessidades dessas pessoas que se encontravam excluídas do mercado produtivo.

Com a intenção de delinear uma discussão sobre questões teóricas e conceituais a respeito do envelhecimento, Siqueira, Botelho e Coelho (2002) realizaram um estudo no qual identificaram quatro perspectivas de análise da categoria velhice: a biológica/comportamentalista, a economicista, a socioculturalista e a transdisciplinar. A abordagem biológica/comportamentalista trata da velhice sob o prisma de geriatras e gerontólogos que têm a preocupação com os processos degenerativos pelos quais passam as pessoas que alcançam a terceira idade. A economicista tem como preocupação a discussão sobre o lugar dos idosos na estrutura produtiva da sociedade, focando os estudos sobre a aposentadoria. A vertente socioculturalista entende a velhice enquanto uma construção cultural da sociedade que determina ao idoso suas atribuições e o seu papel dentro de determinado contexto, seja em relação à divisão social do trabalho ou em relação ao seu desempenho dentro da família. Já a perspectiva

transdisciplinar entende o processo de envelhecimento como sendo um fenômeno complexo que precisa ser compreendido a partir da vivência de cada ser humano, sem enfatizar um aspecto ou outro *a priori*.

Para esses autores, entender a velhice a partir de uma das três primeiras perspectivas de análise pode configurar uma análise bastante reducionista, tendo em vista a complexidade que o fenômeno apresenta. A perspectiva transdisciplinar seria a que mais se aproximaria do fenômeno e de sua realidade, pois considera a velhice como resultado de um processo dialético de fatores biológicos, simbólicos e estruturais dentro de um contexto específico que a circunscreve. Os autores ainda apontam, porém, que é necessário um maior aprofundamento sobre os aspectos metodológicos desta perspectiva, tendo em vista que o seu uso pressupõe a impossibilidade de reter a velhice em um único conceito.

Ao analisarmos de maneira mais detalhada a velhice sob o ponto de vista dessas diferentes perspectivas, perceberemos a importância que cada uma têm para a compreensão do fenômeno. Ao pensarmos o processo de envelhecimento de acordo com uma lógica economicista, por exemplo, entenderemos que a "problemática" social desse processo é fruto de nossa atual organização produtiva, na qual a velhice é considerada uma categoria social, sendo as categorias sociais frutos das relações de produção. Devemos levar em conta, ainda, que as relações de produção são essenciais à determinação do comportamento humano, pois, para transformar a natureza e assim suprir suas necessidades, as pessoas precisam se organizar, estabelecendo vinculações com o meio, que são socialmente construídas através das relações de produção, que delimitam as interações humanas.

Dentro dessa lógica, em nossa sociedade, a pessoa que envelhece é desvalorizada, pois não é mais nem produtor de mercadoria, nem reproduzidor de mão-de-obra; quando muito, é apenas alguém que consome. O indivíduo que chega à velhice fica, assim, à margem do mercado de consumo, não é mais chamado a contribuir socialmente, sendo, conseqüentemente, também excluído das redes de socialização de que, até então, participava.

A sociedade estrutura-se a partir das relações de produção e são elas que determinam as relações sociais, estabelecendo normas e papéis a serem seguidos. As relações de produção, concretizadas na vida da pessoa por seu trabalho, possuem significados que são determinantes na constituição de sua subjetividade.

Para Guattari e Rolnik (1996), existe uma estreita relação entre o modo de produção econômico e a produção da subjetividade, entendendo identidade como parte da subjetividade, como um processo de construção de papéis e maneiras como o indivíduo se posiciona frente ao mundo.

Segundo os autores, a produção de subjetividade constitui a matéria-prima de toda e qualquer produção na sociedade, estando a economia e a subjetividade mutuamente implicadas. Através do trabalho, das relações de produção, criam-se sistemas de representações sociais (novas formas de perceber e interagir com o mundo) que são consumidos pelos indivíduos, surgindo novos signos e significados. Essa subjetividade coletiva permeia os mais diferentes meios sociais e é vivenciada por cada um de nós.

Marx (1989) vê o trabalho como fonte de toda produtividade e a expressão da própria humanidade, pois para ele a interação criativa com a natureza constitui o ser humano no que ele é. O produto do trabalho é a obra do trabalhador, a concretização do seu projeto e da sua singularidade.

O ser humano constrói sua identidade e seu valor, em grande parte, através do trabalho que realiza. Ao chegar à velhice, a aposentadoria leva-o à exclusão do mercado no qual essa proposta era concretizada. Vale então lembrar que esse lugar de inserção, essa atividade exercida, demarcava posições referentes à subjetividade. A partir do momento da aposentadoria, o indivíduo poderá, em tese, desfrutar dos ganhos obtidos através do trabalho, ao mesmo tempo em que terá "o tempo livre" para desfrutar. Contudo, as conotações que esse tempo ganha são ambíguas. O aposentado torna-se um "ex-trabalhador" ou "aquele que trabalhava", e sua identidade passa a ser referida no passado. O indivíduo "não é", passa a ser visto como aquele que "era". Sua identidade não passa mais a ser reposta em forma presente (CARLOS, 1999; RODRIGUES, 1998; JACQUES; CARLOS, 2002).

Embora o trabalho seja um elemento importante na constituição da identidade do sujeito, não podemos afirmar que ele seja o único fator. Na velhice, parte de quem somos deve alterar-se, os processos e redes sociais com os quais o indivíduo até então estava envolvido, passam agora a ser outros. A pessoa precisa reestruturar sua vida em função de determinantes sociais e biológicos, além de psíquicos, que estão se alterando. Contudo, os critérios que utilizamos para nortearmos nossa identidade permanecem em grande parte atrelados a valores "antigos", que fazem parte de uma "vida produtiva" (RODRIGUES, 1998; MAURO, 2000).

Para o desenvolvimento de uma terceira idade com qualidade de vida também é fundamental que se considerem, além do trabalho, outros fatores das diferentes dimensões da vida de um sujeito. As condições sociais, emocionais e biológicas que abarcam uma satisfatória convivência familiar, amorosa, bem como boas condições de educação, moradia, alimentação, saúde, entre outros fatores, são fundamentais no delineamento de um envelhecimento saudável.

Os grupos de terceira idade fornecem atividades a seus participantes que são importantes para o desenvolvimento de um envelhecimento mais satisfatório (MOSQUERA, 1978; CASTRO, 1998; ZIMERMAN, 1997). Para Mosquera (1978), uma das melhores garantias para uma velhice saudável é o indivíduo encontrar-se ocupado com coisas que causem verdadeiro interesse. Nesse sentido, Oliveira (1999) sugere que o idoso dê continuidade às atividades anteriores desenvolvidas ou que descubra outras através das quais se sinta produtivo e útil.

Segundo Debert e Simões (1994), há alterações na concepção da velhice, pois o alcance da aposentadoria deixou, ao longo do tempo, de ser um momento de recolhimento e descanso para ser um período de diversão, atividade e realização. Da mesma forma, o indivíduo que está nessa etapa da vida deixou de ser velho para agora encontrar-se na terceira idade ou uma idade que possibilita a vivência, como nas etapas anteriores, de diferentes situações que podem propiciar satisfação e qualidade de vida.

Além dessas atividades, o grupo é fundamental porque reúne pessoas com objetivos e algumas características em comum, gerando identificações e novas possibilidades de convivência, o que essas pessoas idosas necessitam. Para Lane (1985), "a função do grupo é definir papéis, conseqüentemente, a identidade social dos indivíduos; é garantir a sua produtividade social" (p. 79). O grupo exerce, assim, uma função histórica, mantendo ou transformando as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção. Ao reproduzir ideologias, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, que serão captadas e compreendidas somente através de uma dimensão histórica, ele delimita papéis e possibilita identificação entre seus membros.

Magalhães (1989) aponta a perda do poder aquisitivo devido à aposentadoria. O isolamento social, a falta de assistência, a falta de autonomia e as perdas biológicas são fatores responsáveis por uma maior união desses indivíduos em grupos de iguais. Entretanto, não são idênticas as perdas sofridas pelo homem e pela mulher, ao menos nessa fase da vida. A mulher continua preponderantemente ligada às atividades do lar, enquanto o homem não possui esta preparação para a vida doméstica.

Para Salem (*apud* SANTOS, 1990), os significados da aposentadoria são diferentes para o homem e a mulher. O homem acaba significando o trabalho como sua vida, enquanto a aposentadoria significaria a morte. Todas as suas referências estruturam-se a partir do mundo do trabalho. Já a mulher tem como centro de referência básico a família e, com a aposentadoria, há somente uma transformação nessas relações familiares.

Conforme essas considerações, o objetivo deste estudo foi investigar quem são as pessoas que participam de três Grupos de Terceira Idade. Para tanto, foram as seguintes as questões norteadoras desta pesquisa: os participantes desses Grupos serão apenas os indivíduos que estão se aposentando ou aposentados? E as pessoas que nunca trabalharam, por que deles fazem parte? O que, de fato, está levando essas pessoas a procurarem esses Grupos de Terceira Idade? De que grupos e atividades participam essas pessoas?

MÉTODOS

Participantes

Participaram deste estudo 60 integrantes de três grupos de terceira idade da grande Porto Alegre (20 pessoas de cada grupo estudado). Os participantes eram de ambos os sexos, contudo houve um predomínio de participantes do sexo feminino neste estudo (cerca de 90%), o que refletia, em maior ou menor parte, o perfil dos grupos estudados. A idade média do grupo foi de 67,08 (d.p.= 7,43), sendo que o integrante mais jovem entrevistado estava com 55 anos e o mais velho com 88 anos. Vale a pena observar que para participar das atividades de grupos de terceira idade, que são gratuitas para comunidade, a idade mínima é de 55 anos.

Esses grupos estudados têm como objetivo principal prestar um atendimento multidisciplinar aos idosos, possibilitando, por meio da realização de atividades diferenciadas, a inserção cidadã dentro da sociedade, família e comunidade. Visam tanto promover a valorização pessoal e o aumento da auto-estima do idoso, quanto conscientizá-lo de que ainda pode exercer um papel ativo e criativo no âmbito social.

A metodologia de trabalho, de maneira geral, é desenvolvida por uma equipe interdisciplinar que pode contar com profissionais das seguintes áreas: serviço social, educação física, psicologia, enfermagem, nutrição e educação artística. Os programas buscam focar a participação do idoso ao nível de decisões e ações a serem implantadas, pois pretende, através de suas atividades, fazer com que o idoso construa o seu próprio espaço de inserção social.

As atividades desenvolvidas são diversas, alguns exemplos são: ginástica, yoga, bocha, caminhadas orientadas, oficinas de teatro, oficinas de costura, grupo de apoio, grupo de sentimentos, trabalhos manuais, chás, bailes, entre outras.

Instrumento e Procedimentos

Foram aplicados questionários de forma oral e individual em 60 idosos participantes de três grupos de terceira idade da grande Porto Alegre. A aplicação ocorreu, de maneira geral, nos momentos antecedentes ou posteriores às atividades desenvolvidas nos grupos. A opção pela aplicação de forma individual e oral foi fruto de dois fatores: 1) o objetivo do estudo e o nível de escolaridade dos sujeitos; e 2) dificuldades de ordem mais física, como, por exemplo, a baixa visão. O estudo objetivou conhecer a população desses grupos, mesmo as pessoas com níveis baixos de escolaridade ou mesmo analfabetos com o interesse em ter acesso aos diversos tipos de participantes que freqüentavam o grupo. Então, na fase de estudo piloto, percebeu-se que alguns idosos podiam se recusar a participar por não saberem ler ou por sentirem dificuldades na realização da leitura do instrumento ou, ainda, podiam sentir-se inibidos por considerarem sua "letra (escrita) muito feia". Após um contato com os coordenadores dos centros, buscamos a participação dos idosos para a entrevista através de uma apresentação geral dos objetivos do estudo ao grupo no início das atividades propostas. Observamos que, após a participação de algumas, o receio frente às entrevistas foi sendo perdido e os idosos mostraram-se bastante cordiais e interessados no estudo.

O instrumento desenvolvido especialmente para o estudo foi um questionário contendo questões abertas e fechadas que buscavam investigar o perfil sociodemográfico dos participantes, motivações e atividades que desenvolveram nos Grupos de Terceira Idade que freqüentavam. Buscamos conhecer a situação familiar dos idosos, sua vida pregressa em relação ao trabalho e suas atividades junto à família.

RESULTADOS

Para as questões abertas foi realizada uma análise de conteúdo conforme a proposta de Bardin (1977). A análise de conteúdo propõe-se a examinar a estrutura e os elementos das entrevistas, desmontando-os para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (LAVILLE; DIONE, 1999).

A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das diferentes formas de comunicação, e não se baseia em um instrumento, mas sim em um leque de apetrechos. A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo), é um método muito empírico, dependente do tipo de "fala" a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Portanto, a análise de conteúdo busca delimitar o

conteúdo das falas do sujeito (BARDIN, 1977). Após essa análise, as respostas foram quantificadas e integraram o banco de dados, conjuntamente com as respostas das questões fechadas do questionário. Foram então realizadas análises descritivas das variáveis de interesse do estudo.

O perfil dos participantes dos grupos

Como dito anteriormente, o grupo, em grande parte, é composto por mulheres, com idade média de 67 anos. É interessante destacar que apenas 28,3 % das pessoas entrevistadas nasceram em Porto Alegre, sendo que 61,7% são provenientes de cidades do interior do estado, enquanto 8,3% vieram de outros estados e 1,7% de outro país. Dos participantes, aproximadamente 77 % não possuem companheiros, sendo que 60 % são viúvos, 16,7 % separados e 5 % solteiros. É importante ressaltar que nenhum homem relatou encontrar-se sozinho no momento da entrevista.

Em relação à constituição familiar, o tempo médio de casamento foi de 28,76 anos (d.p.= 14, 87) e apenas 5,5 % relataram ficar menos de 10 anos casados com o parceiro, sendo que mais de 60 % indicaram ficar ao menos 25 anos casados.

O número de filhos dos participantes foi de, aproximadamente, três ($X= 2,97$, d.p. = 2,97), a pessoa com menor número de filhos tinha apenas um e a que possuía mais filhos tinha 20. Já o número médio de netos foi de 5,32 (d.p.= 4,05); a pessoa com o menor número de netos tinha apenas um e o que possuía mais netos tinha dezoito.

Observou-se que grande parte dos participantes morava com os parentes: apenas com o marido (25 %), com marido e filhos (31,7%) e com os netos (3,3). Contudo, 38,3% dos idosos relataram que moravam sozinhos.

No que se refere às atividades exercidas junto à família, observou-se que 55 % dos participantes não realizavam nenhuma atividade junto a ela como, por exemplo, cuidar dos filhos e netos. O percentual de idosos que se ocupavam da criação dos netos foi de 35 % e os que se dedicavam ao cuidado dos filhos foi de 10 %. Apesar de não ter sido registrado de maneira escrita na entrevista, é interessante ressaltar que alguns idosos referiram realizar poucas atividades no grupo, pois exerciam outras necessárias à família. Percebemos nesse relato sentimentos ambíguos: ao mesmo tempo em que se sentiam valorizados por ainda serem necessários aos filhos, também reclamavam que tinham pouco tempo para si.

Quanto à condição financeira, observamos que 73,3 % encontravam-se aposentados e 53,7 eram também pensionistas. A maior parte dos idosos relatou não ser dependente da renda familiar, contudo 35 % afirmaram depender da renda da família para sobreviver, sendo que 5 % dos idosos relataram

não receber por mês o valor equivalente a um salário mínimo; 46,7% deles afirmaram ganhar entre um (1) e dois (2) salários mínimos; e apenas 10% dos participantes relataram ganhar mais de 10 salários mínimos. É interessante, além disso, observar que 11,7% dos idosos ainda exerciam atividades remuneradas, embora afirmassem estar aposentados. Essas atividades visam complementar a sua renda.

Em relação ao exercício de uma atividade profissional, observamos que apenas 3,3% afirmaram não ter desenvolvido nenhum tipo de atividade. O restante realizou atividades diversificadas que, de maneira geral, necessitavam de baixo nível de escolaridade. Por exemplo, 18,3% das mulheres relatou desenvolver atividade de corte e costura, 15% indicaram trabalhar como domésticas e 10% vinculadas a atividades no comércio (vendedoras). Outra consideração relevante em relação ao mundo do trabalho é o fato de que esses idosos iniciaram sua vida profissional muito cedo: 39% iniciou com 14 anos e 64,4% com 18 anos ou menos. Observamos que o tempo de trabalho desses idosos foi bastante extenso: 15% relataram trabalhar por mais de 40 anos, e três, inclusive, indicaram trabalhar há mais de 57 anos. Em relação ao número de profissões que tiveram apenas 3,3% referiram não ter desempenhado nenhuma atividade profissional, enquanto 43,3% tiveram apenas uma profissão, 35% duas profissões, 16,7% indicaram ter três profissões e 1,7% referiram já ter desenvolvido até quatro profissões diferenciadas.

No que tange à escolaridade, o grupo, em sua maior parte, relatou possuir formação escolar bastante precária, totalizando 61,7% de pessoas com ensino fundamental completo. Vale ressaltar que 38,3% possuíam o ensino fundamental incompleto, 3,3% eram analfabetas, 6,7% alfabetizados fora da escola. Somente 5% dos entrevistados possuíam o ensino superior completo.

As atividades sociais realizadas pelos idosos constituíam-se na participação em chás (31,7%), em bailes (35%) e em viagens (5%), muitas vezes promovidos pelos Grupos. Dos entrevistados, 28,3% referiram não realizar nenhuma atividade social, e 48,3% informaram que não desenvolviam ou participavam de nenhuma atividade cultural, tais como visitas a teatros, cinemas e museus. 30% dos participantes, no entanto, referiram escrever.

Em relação a atividades esportivas, 50% informaram que não as realizam, ao passo que 45% mencionaram que fazem ginástica e 5% fazem natação, atividades promovidas pelos grupos, em sua maior parte.

No que se refere à participação em Grupos de Terceira Idade, os amigos e a divulgação dos próprios centros de convivência parecem ser os melhores divulgadores do trabalho voltado a essa faixa etária. Das pessoas entrevistadas, 31,7% obtiveram informações sobre os Grupos através de

amigos que deles não faziam parte, 16,7 % nos próprios centros onde realizam atividades e 11,7 % através de ambas as fontes de informação. A divulgação por parentes correspondeu a 10% dos idosos e, por outros integrantes de grupo, a 11%.

Como motivos que levaram essas pessoas a participar dos Grupos encontra-se a fuga da solidão, a busca de companhia e amizades (39,6%) e a busca por atividades específicas oferecidas pelo centro (20,1%), bem como citaram o interesse em esquecer problemas (13%), fugir da depressão (8,4), buscar divertimentos (8,4), solucionar problemas de saúde (4%) e adquirir conhecimentos (3,4%).

Quanto aos problemas de saúde apresentados pelos participantes, 73,3% acabaram mencionando que apresentavam algum tipo de doença, enquanto 26,7% referiram não ter problema algum. Dentre os entrevistados, 31,7% relataram que os problemas de saúde interferiam em sua sociabilidade, prejudicando inclusive sua participação nos grupos de terceira idade.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conhecer o perfil demográfico dos grupos de terceira idade, suas motivações e os objetivos para busca dessa forma de trabalho nos permite tanto adentrar na complexidade, que permeia o universo de pessoas que estão passando por este momento da vida, como a implementação de programas mais efetivos para atender pessoas que chegam a essa etapa. De maneira geral, quando se fala em terceira idade ou velhice, estamos nos referindo a um grupo de pessoas com características biológicas, psicológicas e mesmo sociais similares. Esquecemos, muitas vezes, de atentar para algumas diferenças importantes que determinam as experiências cotidianas desses indivíduos como as categorias econômica ou de gênero. De fato, é diferente envelhecer para homens e mulheres, assim como é diferente envelhecer pertencendo a uma classe A ou E. Com base nessas considerações, é possível considerarmos que não existe uma única forma de vivenciar a Terceira Idade, mas diferentes formas que estarão relacionadas a diferentes fatores que perpassam o viver do idoso, como as condições físicas, emocionais, sociais, econômicas e ambientais, entre outros.

Um aspecto que merece um olhar mais atento refere-se ao fato de os grupos terem sido formados predominantemente por mulheres. Nesse sentido, os estudos de gênero podem ajudar a compreender esta situação, tendo em vista que destacam o fato de o percurso percorrido por homens e mulheres em nossa sociedade, ao longo dos tempos, ser distinto. Historicamente, diferentes características têm sido atribuídas como fazendo parte do universo

masculino e feminino. Como resultado disso, temos a formação de estereótipos que tendem a fixar características como representativas destes grupos. Estes estereótipos, normalmente, relacionam a figura masculina às idéias de poder, força e superioridade, ao passo que, ao papel feminino, são atribuídas características relacionadas à submissão, fragilidade e dependência (STREY, 1998). Os estereótipos encontram-se presentes na sociedade burguesa com a função de separar em categorias os diferentes segmentos sociais, levando homens, mulheres e crianças a assumirem determinados papéis e funções com normas diferenciadas que compõem o tecido social. Às mulheres caberia a responsabilidade pelo cuidado da casa, da alimentação e das crianças. Já os homens, por sua vez, deveriam ocupar espaços não-domésticos, trabalhando e garantindo o sustento da família, recebendo o título de "chefe de família" (SARTI, 1995, STREY, 2001). Contudo, não foi observado nessa população de idosos um percentual significativo de mulheres que se encontravam apenas realizando atividades domésticas. Se observarmos os dados, apenas 3,3 % dos integrantes entrevistados relataram não ter exercido durante a vida nenhum tipo de atividade profissional.

A trajetória percorrida por idosos e idosas, de maneira geral, tem sido atravessada por esses estereótipos sociais de gênero, que delimitam lugares diferenciados para homens e mulheres que se encontram na terceira idade. Conforme observado, os grupos dessa faixa etária têm mobilizado, de maneira mais significativa, a participação do público feminino. Esses resultados correspondem ao que Ruschel (1998) mostra em sua obra, ressaltando que a participação masculina em programas de terceira idade não ultrapassa os 10%, percentual similar ao encontrado nesta pesquisa. Para essa autora, na velhice ocorre uma inversão na relação dos espaços públicos e privados no que diz respeito às relações de gênero. Enquanto as mulheres buscam fora do contexto doméstico uma outra forma de interagir socialmente, os homens retornam para o lar, tendo em vista que suas vidas foram construídas fora dali.

Porém, podemos pensar que este processo possa acontecer de maneira diferente. Primeiramente que o homem teria mais dificuldade para se desvincular das atividades profissionais dando continuidade ao trabalho mesmo após a aposentadoria, tendo em vista a importância que o trabalho teria para sua subjetividade. Ao mesmo tempo, teria maior dificuldade para se vincular a outras atividades que lhe pudessem trazer satisfação. Já a mulher, ao longo da sua vida, tem a sua identidade ligada a um leque maior de opções de atividades, além do trabalho. Dessa forma, ao chegar na terceira idade, teria uma flexibilidade maior para ligar-se a outras atividades que não apenas o trabalho.

As condições socioeconômicas também são fatores importantes para a oportunidade de participação em grupos de idosos bem como determinam a qualidade de vida no processo de envelhecimento. Grande parte dos participantes apresenta baixa escolaridade, ingresso ao mundo do trabalho feito de maneira muito precoce e faixa salarial que variava de menos de um a dois salários mínimos. Isso podia provocar maior dependência de suas famílias e menores condições de emancipação e conquista de sua cidadania. Contudo, é importante ressaltar que, mesmo com essa renda precária, estes se encontram na posição de principal fonte de renda familiar, com filhos e netos dependendo da aposentadoria "escassa". Ainda cabe lembrar que, entre os entrevistados, aqueles que faziam parte de famílias de baixo nível socioeconômico precisavam, muitas vezes, continuar trabalhando para conseguir uma renda extra capaz de garantir a própria sobrevivência ou proporcionar uma melhor condição para si e sua família.

Ainda, grande parte das pessoas entrevistadas apresentava algum problema de saúde que chegava a interferir, segundo os seus relatos, no desenvolvimento de diferentes tarefas cotidianas, incluindo a própria participação nas atividades dos grupos de idosos. Ao mesmo tempo, a procura por determinadas atividades nos grupos ocorria exatamente em função de uma indicação terapêutica para problemas físicos e psicológicos (casos de depressão) que estes indivíduos apresentavam.

A saúde e os problemas de saúde são comumente referidos nos diferentes estudos sobre o processo de envelhecimento, conforme podemos visualizar nos estudos de Groisman (2004), Siqueira, Botelho e Coelho (2002), Veras e Caldas (2004). Nem todos, entretanto, apresentam problemas de saúde, fato que mostra a importância de se pensar o envelhecimento a partir de um prisma diferenciado. É preciso desmistificar a idéia de que existe uma única terceira idade ou uma única forma de se experienciar o envelhecimento e que estas concepções estão freqüentemente relacionadas às perdas físicas, psicológicas, situações de dependência, incapacidade ou doença.

Num estudo realizado por Teixeira, Schulze e Camargo (2002) sobre a representação social da saúde na velhice, os autores mostraram que existem elementos comuns sobre o modo como as pessoas representam a saúde do idoso. Ao mesmo tempo, diferentes percepções foram encontradas sobre o modo como idosos alcançam a saúde na terceira idade. Enquanto para o grupo de idosos os fatores emocionais foram fortemente citados para explicar a saúde na terceira idade, os trabalhadores da área da saúde referiram o acesso e qualidade dos serviços de saúde como componente fundamental da velhice saudável. O grupo de cuidadores, por sua vez, manifestou como fonte de saúde a realização de atividades que lhes dêem

prazer e os façam felizes.

Nesse sentido, vimos que as atividades em grupos para a população idosa parecem caracterizar importantes espaços de troca, de socialização através dos quais as pessoas possam se sentir úteis e incluídas na sociedade tanto para homens quanto para mulheres. A maioria das pessoas entrevistadas buscava nos grupos um espaço de acolhimento para vencer a solidão, fazer novas amizades, esquecer os problemas pessoais ou então realizar algum tipo de atividade específica. É importante ressaltar, contudo, que essas atividades devem oferecer possibilidades de exercício de cidadania e, ao mesmo tempo, ter um significado e uma pertinência ao idoso.

Concordamos, assim, com as idéias de Veras e Caldas (2004) que destacam as atividades de grupo para idosos. Não devem contemplar ações que busquem apenas ocupar o tempo livre dessas pessoas, tratando-os como seres incapazes e sem condições de aprenderem coisas novas. Sobretudo as atividades precisam oportunizar ao idoso a possibilidade de transpor as estruturas infantilizadoras que costumam ser associadas à sua figura, reforçando estigmas e preconceitos relacionados ao envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores do ser humano encontram-se em constante mutação, sendo freqüentemente influenciados pelas práticas culturais. A Terceira Idade, nos dias de hoje, possui algumas características próprias que necessitam ser conhecidas para melhor implementação de programas que atendam às necessidades dessa população. Muitas vezes, ao trabalharmos com categorias sociais, esquecemos de olhar os atravessamentos de outras categorias que também constituem as identidades do sujeito. Trata-se de um fenômeno complexo em que fatores como a relação com o trabalho, a aposentadoria, as condições de saúde, as relações de gênero e os fatores econômicos estarão interferindo na qualidade de vida dos idosos.

Por meio das atividades em grupo, os idosos têm a possibilidade de inserirem-se na rede social de maneira mais efetiva. Desse modo, passa a ser questionada a idéia socialmente estabelecida de que os idosos são sujeitos portadores de "problemas" ou de serem um "problema social", afirmando-se a noção de que podem conquistar uma posição diferenciada na sociedade. Vale lembrar que o idoso encontra-se, muitas vezes, buscando um espaço de não alienação social, ressocialização e crescimento pessoal. As atividades grupais parecem oferecer, ao menos em parte, a possibilidade da conquista da cidadania aos idosos, principalmente àqueles que apresentam restrições econômicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CARLOS, S. A.; JACQUES, M. da G C.; LARRATÉA, S. V.; HEREDIA, O. C. Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Cadernos de Envelhecimento*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Terceira Idade da PROPEXT/UFRGS. Porto Alegre, v.1, 1999.
- CASTRO, O. P. de. O processo grupal, a subjetividade e a ressignificação da velhice. In: _____. *Velhice: que idade é essa?* Porto Alegre: Síntese, 1998.
- CODO, W. Relações de trabalho e transformação social. In: LANE, S. T. M. CODO, W. *Psicologia social: o homem em movimento*, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DEBERT, G. G. (Org). Antropologia e velhice. *Textos didáticos IFCH*, UNICAMP, Campinas, n.14, 1994.
- GUATTARI, F.; ROLNIK. S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JACQUES, Maria da Graça Correa; CARLOS, Sérgio Antônio. 2002. *Identidade, aposentadoria e o processo de envelhecimento*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env15.htm>> Acesso em: 20 out.2004.
- LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. *Psicologia social: o homem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MAGALHÃES, D. N. *A invenção social da velhice*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- MARX, C. *O capital*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. v. 1
- MAURO, M. L. F. 2000. *Motivação: em busca da auto-realização*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/dgrh/informativo/005/motivacao.html>> Acesso em 20 set.2004.
- MOSQUERA, J. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- NETTO, M. P. *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 1999.

- RODRIGUES, A. de M. *Construindo o envelhecimento*. Pelotas: EDUCAT, 1998.
- RUSCHEL, A. E. Envelhecimento e Gênero - A construção de um novo tempo. In: CASTRO, O. P. de. *Velhice: que idade é essa?* Porto Alegre: Síntese, 1998.
- SANTOS, M. F. S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: E.P.U., 1990.
- SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. In: DUARTE, L. F. D. et al. *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- SIQUEIRA, R. L. de; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 2002, p. 899-906.
- STREY, M. N. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: GROSSI, P. K.; WERBA, G. C. *Violência e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ZIMERMAN, G. I. Grupos com idosos. In: ZIMERMAN, D. E. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*. 9(2):2004, p. 423-432.